

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasil Class.: Arquivo de Conservação  
Data: 17/01/94 Pg.: 10 19

### Fora de Controle

Ao constatar a existência de uma barreira do Comando Vermelho em plena Floresta da Tijuca, o ministro do Meio Ambiente, Rubens Ricúpero, detectou um dos mais graves problemas do Rio na atualidade. Um tronco de árvore, estendido no solo, perto do morro do Borel, indica que a partir dali ninguém pode entrar. Fica assim sacramentada uma violência física contra a cidade, que é a sua divisão em duas partes, sendo que uma delas é domínio da marginalidade.

De fato, o Comando Vermelho está há algum tempo construindo postos avançados em reservas florestais. Depois de abrir clareiras, os bandidos controlam as várias entradas das favelas, construindo postos de observação em árvores. Estas clareiras servem também de pequenos campos de concentração para tortura e execução de inimigos. Há poucos meses a polícia desativou um acampamento na Floresta da Tijuca, onde se reuniam traficantes dos morros do Andaraí, Divinéia e Casa Branca para traçar planos de distribuição de droga. Mas quando a polícia sai, os traficantes retornam.

Ao demarcar territórios autônomos, de preferência nas favelas, estabelecendo parâmetros de comportamento, os marginais desafiam frontalmente a sociedade. As autoridades não podem continuar de braços cruzados, enquanto as favelas se espriam para todos os lados e os traficantes e os bicheiros se estabelecem nelas, criando sociedades paralelas fora de controle. Nestas terras de ninguém violam-se direitos dos outros cidadãos que pagam impostos e se submetem às regras sociais e econômicas. Com o crescimento vertiginoso das favelas, tudo escapa ao controle das autoridades — dos tumultos em pleno dia aos bailes funks noturnos, passando pelos banhos de sangue das guerras de quadrilhas. O Comando Vermelho e seu filhote explosivo, o Terceiro Comando, só existem e prosperam com a convivência da polícia, que se deixa corromper e até se funde com eles nos grupos de extermínio.

As quadrilhas vivem à margem da lei porque a lei existe para não ser aplicada. Dia a dia os marginais avançam em arrastão de rapina sobre as riquezas do estado, a cavaleiro nas favelas, sob as vistas da polícia cúmplice. Um levantamento do Iplan em 1991 listava 545 favelas no Rio, mas o seu número é muito maior, porque, pelo critério do Iplan, estão excluídas as minifavelas (nem tão minis assim) sob os viadutos e os loteamentos irregulares e clandestinos.

Há também favelas que são extensões de outras, mas cresceram tanto que suas comunidades passaram a se organizar separadamente.

Favelas existem no Rio há 101 anos, mas nem por isto devem ser consideradas inevitáveis, eternas. Abrigam hoje um terço da população, em situação de clandestinidade. Começaram modestas quando os soldados que lutaram em Canudos vieram à Capital pedir assistência do Governo e se estabeleceram no Morro da Providência, perto do Quartel General. Como as promessas custavam a ser cumpridas, os soldados foram erguendo barracos. O morro inicialmente passou a ser chamado de Morro da Favela (depois mudado para Providência) porque os morros que circundavam Canudos eram cobertos por uma planta nordestina conhecida como favela.

Um século depois, o cenário se agravou. Com a hegemonia em jogo entre o Comando Vermelho e o Terceiro Comando, o raio de ação da marginalidade se amplia em direção a novos *paíóis*. O tráfico já tomou conta de Niterói, São Gonçalo e de grande parte da Zona Oeste, além de morros e conjuntos de menor porte no Centro, nas zonas Sul e Norte, e notadamente nas áreas florestais onde são montados os tais acampamentos semelhantes aos militares — que escandalizaram o ministro do Meio Ambiente. Os morros, mesmo os pequenos, dispõem de pelo menos 15 fuzis AR-15 cada um, sem falar de espingardas calibre 12, pistolas automáticas e granadas. A maior parte das armas em poder dos traficantes chega por via marítima. Mais de dois terços dos navios que trazem armas para o Rio têm bandeira liberiana. As armas, fabricadas em diversos países, chegam via África e a droga segue pelo caminho inverso.

O Comando Vermelho domina uns 80% do tráfico de entorpecentes no Rio. Mas o Terceiro Comando, apesar de ficar com os restantes 20%, controla morros estratégicos cobijados pelo Comando Vermelho. Os tiroteios, as matanças, a corrupção, tudo isto caracteriza uma situação limite. A violência é insuportável, a sociedade não resiste a tanta degradação de costumes, mas a leniência das autoridades é pior ainda, enquanto os traficantes sediados em favelas continuam a lucrar impunemente seus 100 milhões de dólares todos os anos — que eles racham irramente com a parte podre da polícia e da política.